

ACERVO DE MEMÓRIAS INDÍGENAS DO PIAUÍ

João Paulo Peixoto Costa – IFPI/Floriano

Nívea Maria Santos Rodrigues – IFPI/Floriano

Kauan Cristo Pereira – IFPI/Floriano

Aryândnna Kísia dos Santos Amorim – IFPI/Floriano

Sofia Siqueira Freitas – IFPI/Floriano

Bruna Pereira Quaresma – IFPI/Floriano

Stefany Silva – IFPI/Floriano

RESUMO:

O presente projeto tem como objetivo construir um acervo de memórias indígenas por meio de entrevistas com pessoas que se identifiquem como indígenas e/ou descendentes no Piauí, servindo de patrimônio cultural, simbólico e histórico para os povos que residem em diferentes regiões do estado, bem como de material empírico para pesquisas nas áreas de história, antropologia ou quaisquer outras. Utilizando-se da metodologia da História Oral, a presente pesquisa pretende, além de montar um repositório de memórias, analisar os relatos e as conexões que envolvem as identidades e as percepções de ancestralidade de pessoas que manifestem de múltiplas formas o legado de antepassados indígenas.

Introdução: Os dados relativos aos povos indígenas a partir do Censo de 2022 são impressionantes. Além de quase ter dobrado no Brasil, a população indígena no Piauí - que, junto com o Rio Grande do Norte, foram os últimos estados a reconhecer a presença indígena em seus territórios - cresceu 144% (IBGE, 2023). Há pelo menos duas razões para números tão altos. Em primeiro lugar, expressa os resultados da luta do movimento indígena organizado, que nas últimas décadas vem conseguindo garantir diversos direitos, como a terra (apesar da imensa quantidade que ainda falta ser demarcada), a educação diferenciada, as políticas afirmativas, a saúde etc. Mas há que se levar em conta um segundo e importante motivo para o aumento significativo de indígenas no Brasil, no Piauí e em tantos outros estados: os processos de emergência étnica. Dos 10 municípios piauienses com maior quantidade de pessoas autoidentificadas como indígenas, 9 contam com grupos étnicos indígenas organizados politicamente (GUAJAJARA, GOMES, BOTTESI, LIMA, DIAS, TACARIJÚ, SILVA, COSTA, LOPES, OLIVEIRA, GOMES, 2023). Os dados do atual censo são marcantes o suficiente para nos perguntarmos: quem são e onde estão os indígenas e seus descendentes no Piauí?

Objetivo geral: Analisar as memórias de pessoas autdeclaradas ou que se assumem descendentes de indígenas em diferentes regiões do Piauí, relacionando suas percepções de ancestralidade e identidade com a história do estado, ao mesmo tempo em que se constituirá um repositório virtual de oralidades indígenas.

Revisão da Literatura: Até pouco tempo, havia praticamente um consenso na academia e no senso comum a respeito da temática indígena no Estado do Piauí: ainda no processo de colonização, toda esta população teria sido exterminada. Com isso, os que antigamente eram indígenas – e o eram, segundo esta historiografia, por viverem em organizações tribais em uma espécie de “redoma” ou “pureza” étnico-cultural – transformaram-se em trabalhadores dessas propriedades, como vaqueiros ou exercendo qualquer outro serviço, adaptando-se a novas relações materiais e diferentes formas de vida, miscigenando-se e, conseqüentemente, deixando de ser “índios” (Cf. DIAS. SOUSA, 2011). Fazia-se, portanto, uma grande “crônica do massacre”, usando as palavras de John Manuel Monteiro (1995. 2001). Tais abordagens, que ainda tem um enorme peso no imaginário popular e em parcela significativa da comunidade acadêmica, vão na contramão da renovação que a historiografia especializada promove desde, pelo menos, a década de 1980. Lentamente, os indígenas na história passaram a ganhar protagonismo nas pesquisas na condição de agentes e construtores de suas próprias trajetórias e relações estabelecidas com diversos outros personagens, dentre eles o Estado (seja ele colonial, o Império ou a república brasileiros), os proprietários e diferentes grupos subalternos. Este processo era também fruto do crescimento de movimentos indígenas e indigenistas contemporâneos à Constituição de 1988, que demandavam maior participação indígena nas universidades, seja na condição de estudantes e professores como na de objetos de estudo. Parte significativa dessas ações partia de grupos que protagonizavam um fenômeno relativamente novo: diversas comunidades começaram a “surgir” no Nordeste, processo que passou a ser denominado de “etnogênese”. O conceito pode ser contestado, na medida em que supõe o nascimento de etnias que não existiam ou até mesmo haviam desaparecido, o que se contradiz com o discurso desses mesmos grupos que defendem que, na verdade, nunca haviam morrido, mas que, durante sua história, se viram obrigados a uma espécie de camuflagem social (Cf. OLIVEIRA, 1998). O Piauí passa há alguns anos por um processo que outros estados do Nordeste viveram em décadas anteriores. Comunidades vêm se organizando e proclamando suas identidades e ancestralidades indígenas. Segundo o censo do IBGE de 2022, mais de 6 mil pessoas se declaram indígenas em solo piauiense. O movimento indígena no Piauí atualmente se manifesta em torno das etnias Tabajara-Alongá, Tabajara Ypy e Tabajara Itacoatyara em Piripiri, Tabajara e Tapuio em Lagoa de São Francisco, Kariri em Queimada Nova e Paulistana, Warao e Guajajara em Teresina, Guegue do Sangue em Uruçuí e Akrá-Gamela em Uruçuí, Baixa Grande do Ribeiro, Santa Filomena, Currais e Bom Jesus. A quantidade de grupos que se declaram indígenas pode ainda ser maior, haja vista a dificuldade que podem estar sujeitos no que diz respeito à organização política, à estrutura de comunicação com órgãos indígenas e indigenistas ou à repulsa em relação a identidade indígena por parte de diversos setores da sociedade e até mesmo de alguns de seus próprios membros (COSTA, 2011. FRANCO, 2014). Diante disso, os números nos apontam para manifestações de identidade e ancestralidade que precisa ser melhor conhecidas e que falam de aspectos históricos e culturais que são há muito tempo negligenciados.

Metodologia: A metodologia principal a ser utilizada na pesquisa é a História Oral, que considera as memórias das pessoas, uma vez registradas na forma de áudio ou material

escrito, como fonte histórica a ser analisada pelo historiador em toda a sua complexidade enquanto construção humana constituída de interesses e contradições (FRANCO, 2014). Uma vez amparados por estudos de textos deste campo metodológico – bem como dos ligados a memória e patrimônio, cultura e identidade, história indígena no Nordeste e movimentos indígenas contemporâneos – nossa primeira tarefa será de construir um roteiro de perguntas que nos servirá como guia para as entrevistas. Em seguida, mapearemos potenciais entrevistados/as. De porte dessas pessoas selecionadas, estabeleceremos os contatos e partiremos para as entrevistas. O roteiro de perguntas, base fundamental para o decorrer das investigações, não serve como um esquema hermético e imutável, mas sujeito à flexibilidade da própria conversa e do interesse dos entrevistados em abordar, aprofundar, tergiversar ou excluir algum tema específico. As próprias escolhas dessas pessoas fazem parte dos dados a serem analisados. Todas essas informações serão organizadas, analisadas e confrontadas com a chamada “historiografia oficial” que construiu a história do Piauí. Buscaremos dar destaques às nuances a partir da relação entre as diferentes versões sobre a presença e atuação indígena.

Considerações: O projeto ainda se encontra na fase de interlocução com possíveis entrevistados, o que eventualmente leva tempo até estabelecermos relações de confiança e disponibilização para o diálogo. Algumas pessoas já foram contactadas, em sua maioria estudantes do IFPI, campus Floriano, e suas respectivas famílias. Até a realização do evento, teremos entrevistas já realizadas, onde poderemos analisar aspectos importantes das falas ligadas a memórias, identidades e etnicidades.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas; Memória; História Oral; Emergências Étnicas.

REFERÊNCIAS:

- COSTA, João Paulo Peixoto. A farsa do extermínio: reflexões para uma nova história dos índios no Piauí. In: PINHEIRO, Áurea da Paz. GONÇALVES, Luís Jorge. CALADO, Manuel (Org.). Patrimônio arqueológico e cultura indígena. Teresina: EDUFPI, Lisboa: Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, 2011, pp. 139-162.
- DIAS, Claudete Miranda. SOUSA, Patrícia de. História dos índios do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2010.
- FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. Histórias orais dos remanescentes indígenas no território do Piauí no século XXI. In: Anais do XXI encontro nacional de história oral: política, ética e conhecimento, Teresina, 2014.
- GUAJAJARA, Aliã Wamiri ; GOMES, Ana Suelle de Oliveira ; BOTTESI, Anna ; PAULA, Camila Galan de ; LIMA, Carmen Lúcia Silva ; DIAS, Cícero Evangelista ; TACARIJU, Hélder ; SILVA, Ianaely Ingrid Alves e ; COSTA, João Paulo Peixoto ; LOPES, Rebeca Freitas ; OLIVEIRA, Tatiana Gonçalves de ; GOMES, Helane Karoline Tavares . Piauí: organização e resistência indígena contra a invisibilização. In: Fany Ricardo; Tatiane Klein; Tiago Moreira dos Santos. (Org.). Povos indígenas no Brasil: 2017/2022. 1ed.São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental, 2023, v. 1, p. 511-514.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da. GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995, pp. 221-236.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. Maná, vol. 4, n. 1, Rio de Janeiro, 1998.